

# Dieta anticolonialista à base das nossas raízes: miúdos metafísicos europeus e enlatados pragmáticos americanos fazem mal à saúde

**André Luis de Oliveira Mendonça**

Doutor em filosofia pela universidade Estadual do Rio de Janeiro.  
Professor Adjunto do Instituto Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.  
*E-mail:* alomendonca@gmail.com

Recebido em: 23/01/2019.

Aprovado em: 08/04/2019.

**Resumo:** Nesse ensaio, recorrendo à analogia de um jantar recital, eu proponho uma desintoxicação do ‘mal-estar na civilização’ por meio da substituição da dieta à base de enlatados pragmáticos norte-americanos e miúdos metafísicos europeus (e.g.: “Chef” Bruno Latour, um dos grandes responsáveis pela “anemia política” disseminada na academia, costuma ser adotado como cardápio principal em muitas linhas de pesquisa no Brasil e na América Latina) por uma rica em nossas próprias raízes, tais como aquelas referentes ao pensamento social contra-hegemônico (Lélia Gonzalez, Silvia Cusicanqui, Djamila Ribeiro, entre outras) e à cultura popular (Elza Soares, Conceição Evaristo e Luedji Luna, entre outras); o que não significa virar as costas para o Velho Mundo, sob pena de reproduzir o que ele tem de pior em termos de rechaço à alteridade, pois ainda podemos manter uma interação edificante com as tradições marxista e hermenêutica (para ficar nos dois exemplos presentes no texto), bem como dialogar com autores da verve de uma Silvia Federici e da aura de um Walter Benjamin.

**Palavras-chave:** Saberes ameríndios. Pensamento “amefricano”. Descolonização. Estudos Pós-coloniais. Bruno Latour.

## *Anticolonialist Diet Based on Our Roots: European Metaphysical Gibrils and Canned American Pragmatic Thinking Harm your Health*

**Abstract:** In this essay, I used the analogy of a recital dinner, I suggest a detox of the unwell feeling be replaced by a diet on the basis of the European metaphysical miúdos ( kind of meat)and American pragmatic canned food (e.g. ‘Chef’ Bruno Latour, one of the Chefs responsible for ‘Anemia Politics’ spread in the Academy and it is always used as a main dish in many lines of research in Brasil and Latin America ) for our rich diet , such as those diets referring to the social, counterhegemonic thinking (Lélia Gonçalves, Silvia Cusicanqui, Djamila Ribeiro, among others) and our popular culture ( Elza Soares, Conceição Evaristo e Luedji Luna, among others); it does not mean that we should turn away from the old World, under the penalty of reproducing what it has the worst in terms of the rejection of the otherness. So, we can still keep a uplifting interaction with the Marxist and Hermetical traditions (to keep the 2 examples given in the text), as well as dialogue of the authors of verve Silvia Federici and aura Walter Benjamin.

**Keywords:** Ameridian Knowledge. “Amefrican Thinking”. Decolonization. Postcolonial studies. Bruno Latour.

## **Jantar recital: uma saraula requentada (“requintada”?)**

Eu continuo firmemente pensando em modificar o mundo e acho que a literatura tem uma grande importância.

Jorge Amado

Este ensaio consiste na minha primeira experiência de “transcrição” de uma saraula.<sup>1</sup> De uns tempos para cá, todas as minhas apresentações em eventos acadêmicos dos mais variados tipos têm sido confeccionadas dispondo-se – além do mergulho no manancial intelectual inesgotável afluente do pensamento social e humanístico dentro e fora da represa acadêmica – do patrimônio imaterial oriundo do material estético: lançando mão de canções, poemas, quadros, HQs, entre outras manifestações artísticas – com o intuito de suscitar reflexões acerca de temáticas as mais diversas por intermédio do feliz encontro entre saraus culturais e aulas de inspiração freireana–, minha grande motivação, para realizar tal tarefa, advém da preocupação em romper com as maneiras convencionais de lidar com a construção e compartilhamento do conhecimento. Mais do que isso: ao almejar alcançar coerência entre ‘conteúdo’ e ‘forma’, tenho perseguido a harmonização entre os valores e princípios que apregoo com os meios de que me sirvo para fazê-los circularem; sendo assim, se parto da “premissa maior” consoante a qual um dos males mais recônditos das sociedades pretensamente modernas mora na filosofia da racionalidade instrumental e utilitarista, não posso querer contar apenas com “raciocínios lógicos” para defender ideias e ideais. Daí a arte não funcionar como mero adorno estilístico, tampouco tão-somente ferramenta “didática”, na consecução dessa – por que não dizer? – instigante missão: às músicas, ou quaisquer outras obras de arte, ousou atribuir o mesmo “valor de verdade” conferidos amiúde a pensamentos filosóficos e/ou teorias científicas, o que me leva a colocar, à guisa de ilustração, o filósofo alemão Walter Benjamin e a escritora negra brasileira Conceição Evaristo lado a lado, sem hierarquizações. Afinal, faz sentido ainda sustentar a divisão elitista entre “alta cultura” e “cultura popular”? Não estaria o ônus da prova pendente para o lado de quem julga que sim?

Do mesmo modo que, inspirado em Theodor Adorno, creio ser o ensaio a forma mais apropriada de escrita para expressar o pensamento crítico, avalio a saraula como um dispositivo expressivo para “trocar” com os presentes de maneira íntegra e integral, em consonância à nossa ‘totalidade’ afetiva, cognitiva, ética etc.<sup>2</sup> Meu desafio aqui será o de unir, pela primeira vez, ensaio e saraula sem retirar a força que ambos possuem separadamente. A

fim de se manter vigor e viço, faz-se necessário, diz a boa e velha sabedoria popular, manter uma boa alimentação à base de sustância; por isso recorro à analogia com a arte da culinária através de um jantar com fundo (frente) musical: espero lhes ofertar, senão um banquete platônico, um cardápio honesto da parte de quem ainda se vê como que começando na arte comensal de dosar especiarias.<sup>3</sup> Mas, antes de passar para a entrada propriamente dita, ofereço um comedido aperitivo atinente à saraula vivenciada no dia 26 de setembro de 2018 na UESC: tendo como questão norteadora a suposta dicotomia *interpretação versus transformação*, e, como mote, variações da décima primeira tese de Marx sobre Feuerbach, procurei, por um lado, aproximar duas tradições frequentemente apartadas (no caso, marxismo e hermenêutica), por outro, distanciar autores europeus contemporâneos supostamente progressistas (*e.g.*: Bruno Latour) daquilo que cunhei de ‘enegrecimento tupiniquim’ (pensamento “decolonial”); ao longo da ‘programação’, partindo de uma “análise de conjuntura” acerca da crise civilizatória que estamos atravessando, defendi a tese da necessidade de irmos, enquanto latino-americanos, em direção à descolonização de PAS (Pensar, Agir e Ser). Aqui, assim espero, você perceberá que, em que pese seus ‘segredos sagrados’ particulares, as artes são, porque expressões humanas integralmente humanas, perfeitamente intercambiáveis. Além de novos condimentos adicionados, todos os ingredientes artísticos usados na saraula estão mantidos no caldeirão do texto – ainda que em sequência diferenciada –, à exceção das imagens (fotografias, charges, memes etc). Já que mencionei Adorno, cabe a ressalva de que, a despeito de eu concordar com a tese, recorrente na Escola de Frankfurt, segundo a qual a indústria cultural acaba funcionando como o principal veículo ideológico dos interesses velados e escusos do capitalismo, estou convicto de que ainda continua existindo resistência na ‘arte popular do nosso chão’ que não se vendeu ao mercado, mantendo a aura de autenticidade e, por conseguinte, de qualidade.

Antepasto posto, podemos passar, finalmente, ao início do menu propriamente dito. Não me proponho a *provar* nada a seguir, a não ser torcer para que você possa provar e aprovar a degustação. A sequência do jantar ainda é propositalmente europeia e burguesa: entrada, prato principal e café. Contudo, na “sugestão do anti-chef” e no cafezinho ao final, proponho uma forma de mantermos uma dieta integralmente nossa, rompendo com a colonização do nosso pensamento, do nosso agir e do nosso ser social.

## 1 Entrada: detox contra o mal-estar na civilização

|   |   |
|---|---|
| Eu sou a grande Mãe Universal.          | Mulher do fim do mundo                  |
| Tua filha, tua noiva e desposada.       | Eu sou, eu vou até o fim cantar         |
| A mulher e o ventre que fecundas.       | Mulher do fim do mundo                  |
| Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor. | Eu sou, eu vou até o fim cantar, cantar |
| Cora Coralina                           | Rômulo Fróes e Alice Coutinho           |

Malgrado a doceira e poeta de mãos cheias Cora Coralina batizar a terra de Mãe Universal, em seu lindo poema ‘O Cântico da Terra (Hino do Lavrador)’, nossa Pachamama parece estar começando a se revoltar contra nós (para europeus feito Max Horkheimer, não seria esta uma chance paradoxal, porque dramática, de criarmos uma outra civilização mais humana?):<sup>4</sup> haja vista a intensificação das catástrofes “naturais” causadas pelo aquecimento global, vitimando principalmente as populações mais pobres e vulneráveis. O filósofo esloveno Slavoj Žižek chegou ao ponto de parafrasear Freud empregando a expressão *Unbehagen in der Natur* (mal-estar da natureza), justamente a que dá título ao capítulo derradeiro do seu provocativo *Em defesa das causas perdidas*: nosso atual dilema ecológico é visto por ele como uma grande oportunidade de resgatarmos a ideia do *comum*, pois a resposta a um problema “global” só seria exitosa se envolvesse a todas e todos. Vale ressaltar que, dialogando, alhures, com a ‘doutrina do choque’ detectada pela jornalista canadense Naomi Klein, Žižek não deixa de reconhecer que a natureza atual dos desastres da natureza (em geral, crimes ambientais e ecocídios, tal como o de Brumadinho que acaba de acontecer<sup>5</sup>) serve, em contrapartida, como uma “boa” oportunidade para o sistema implementar políticas neoliberais, aproveitando, perversamente, o estado de pânico da população local. Sem contar o fato de que, em razão do subterfúgio frequentemente demagógico atrelado às tais das “tecnologias verdes”, o sistema segue produzindo cemitérios cibernéticos ao redor do mundo ensejados pela obsolescência programada cada vez mais acelerada em tempos de ‘modernidade líquida’.

Nesse jardim do Armagedom não jaz apenas a morte viva: após ter queimado por anos a fio, Elza Soares ressurgiu revigorada das cinzas, entoando, bela e ironicamente, que vai cantar até o fim do mundo; afinal, ela já é do “fim do mundo”, o Brasil. Poderia até ter musicado nosso poeta amazonense Thiago de Mello: ‘Faz escuro mas eu canto’ foi escrito “inspirado” na “revolução” de 1964 ou na “democracia” desse fatídico começo de 2019? Para uma mulher negra que passou pelos maiores dissabores e discriminações ao longo da vida, cantar sempre foi o seu único ‘lugar de fala’ no país da verdade tropical.<sup>6</sup> E do alto das suas oito décadas de vida intensa e tensa, Elza segue encantando com sua voz inigualável, a mesma que dobrou Ary Barroso no seu programa de calouros ao perguntar ironicamente (racismo?)

de que “planeta” ela vinha: sou habitante do planeta fome, respondeu ela sem se fazer de rogada. Para ódio dos racistas, e como comprova a justa reverência que obterá no Carnaval de 2020 da Mocidade Independentemente de Padre Miguel de onde é oriunda, Elza simboliza a volta por cima das mulheres negras brasileiras: se a ultra-direita de ultrajes fascistas sobressaiu nas urnas, 2018 foi, a contrapelo, o ano de Djamila Ribeiro, Evaristo Conceição, Sueli Carneiro, entre outras tantas intelectuais negras; notadamente, 2018 será, para sempre, o ano de Marielle Franco. Aliás, se a saraula tivesse sido após o Carnaval de 2019, eu teria cantarolado o refrão do samba-enredo ‘Histórias para ninar gente grande’ – merecidamente consagrado vitorioso –, justamente pela bela, justa e tocante homenagem da Estação Primeira de Mangueira prestada à Marielle e tantas outras heroínas do povo que não constam nos livros de história ‘oficiais’: “Salve os caboclos de julho/Quem foi de aço nos anos de chumbo/Brasil, chegou a vez/De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”.<sup>7</sup> Seja como for, uma vez que não quero gerar uma congestão logo de entrada, não vou gastar mais tempo tratando de coisas indigestas relativas à nossa conjuntura (ou seria estrutura?) por ora; apenas elenco, então, alguns dos principais problemas que nos assolam hoje, nacional e “globalmente”, e por trás dos quais estão embutidas as velhas mazelas da desigualdade, injustiça, dominação, opressão e repressão:

- 1- Ideologia austeritária (1% de Wall Street ainda domina o mundo após 2008)
- 2- Ideologia inovacionista (Vale do Silício é o deus de cemitérios tecnológicos)
- 3- Servidão voluntária “privilegiada” (até o trabalho precário é para poucos)
- 4- Servidão voluntária “docilizada” (a vigilância global se dá via celular)
- 5- Servidão voluntária “conscientizada” (a alienação advém de novas ciências)
- 6- Neoliberalismo “existencial” (todo mundo *resultou* em “capital humano”)
- 7- “Utopia” distópica neoliberal (absolutização ilusória do ser, ter e fazer)

A partir da lista exposta dos sete milagres capitais,<sup>8</sup> depreende-se que a trilogia distópica do século XX composta por *Admirável mundo novo* (Aldous Huxley), *1984* (George Orwell) e *Laranja mecânica* (Anthony Burgess) está de volta para o futuro do presente, mais atual do que nunca, desafortunadamente. Eis a questão do retorno do fascismo (jamais recalçado). Mas, como “detox” é supostamente para desintoxicar - no caso aqui, paradoxalmente, o detox é contra a própria “febre” atual acerca do detox -,<sup>9</sup> saíamos da entrada e passemos para o que – supostamente - importa. O prato subsequente costuma ser servido em muitos cursos de pós-graduação do Brasil e América Latina, disseminando, ao contrário do que normalmente se supõe, uma epidemia de vitaminose epistemológica e, concomitantemente, de anemia política por excesso de alimentos funcionais e falta de mais sustância.

## 2 Prato principal (cozinha “contemporânea”): miúdos metafísicos enlatados<sup>10</sup>

|                        |  |
|------------------------|--|
| Tanto faz              | Na tumba, tumbeiro não                               |
| Quem saiu, quem entrou | Não sou marinheiro na barca furada                   |
| Tanto faz              | Eu sou malungueiro de partida à chegada              |
| De que lado ficou      | Quizomba Zumbi                                       |
| Tanto faz              | Quizomba Zumbi                                       |
| Eu vou sempre perder   | Quizomba Zumbi                                       |
| Tim Bernardes          | Carlos Roberto Ribeiro da Silva e Orlando Santa Rita |

Cria, literalmente, de um dos herdeiros da vanguarda paulista de Itamar Assumpção, Arrigo Barnabé e toda uma ‘intrépida trupe’ – ele é filho de Maurício Pereira, que, em parceria com André Abujamra, esteve à frente da banda assaz original dos anos 80 ‘Os Mulheres Negras’, e que segue cantando diversidades nas adversidades –, Tim Bernardes tornou-se conhecido no “nicho underground” por ocasião do lançamento do primeiro disco do seu grupo ‘O Terno’, a saber: ‘66’, de 2014. A faixa-título brinca a sério com a ideia de que, para sair da mesmice comercial e superficial, ou, para inovar realmente hoje em dia, seria promissor pensar fazer música ao melhor estilo ‘retrô’. Já a estrofe supracitada compõe a música ‘Tanto faz’, quarta faixa do seu primeiro disco-solo – ‘Recomeçar’, de 2017 –, uma genuína obra-prima se se leva em conta os vinte e poucos anos do artista à época da composição das canções. Mas, no caso em questão, cantarolei o trecho da letra de Tim lado a lado ao do da canção ‘Saudação malungo’ – interpretada maravilhosamente por Luedji Luna, a potente cantora negra baiana da nova geração –, com o intuito de sugerir um choque de visões de mundo distintas frente aos desafios da contemporaneidade, e tomei partido por Luedji no meu artifício, por assim dizer, artificial (Tim vai muito além do rótulo fácil que eu lhe pus na ocasião, vale a pena conferir).<sup>11</sup> Como sugere o próprio título da canção, a atitude adotada por Tim Bernardes – ao aludir à atmosfera de Fla x Flu político instalada desde 2013 – é típica de progressistas conformados; ou melhor, como afirmei na saraula, sua colocação representa bem a da esquerda “pós-moderna”, qual seja: a de rebeldia resignada, com perdão do oximoro; como se ele dissesse: “Tá tudo errado, mas... vai continuar assim mesmo, não adianta fazer nada”. Em contrapartida, a voz suave e, ao mesmo tempo, poderosa de Luedji Luna está afinada com aquilo que poderíamos chamar de ‘retrotopia visionária’ (expressão empregada por mim na saraula):<sup>12</sup> ela ecoa as vozes silenciadas da sua ancestralidade africana, tendo em vista à injeção de ânimo para transformar a mórbida situação de opressão persistente; como se estivesse, paradoxal e ousadamente, propondo uma utopia para o passado.

Sem tirar da mesa o tempero musical acima, o complemento (ou, em verdade, parte substancial) do prato foi criado por um renomado mestre-cuca da Europa latina: o francês

Bruno Latour, que, curiosamente, costuma escrever suas receitas de ‘metafísica empírica’ em inglês, tal como grande parte do seu “campo” de atuação, os *science studies*, e não apenas na Grã-Bretanha e EUA onde são predominantes, mas no mundo afora. Como espero “provar”, Latour é um exemplo paradigmático de rebelde resignado (também pudera: seria ele proveniente da tradicional família produtora do vinho *Château Latour* da região de Bordeaux?); de modo que seus miúdos metafísicos deveriam ser substituídos por uma dieta mais rica em proteínas vegetais da nossa terra, incluindo os temperos frutos das nossas próprias têmeoras. A remissão a Latour só se deveu ao fato de ele ter virado, para o bem ou para o mal, um dos intelectuais mais conhecidos no meio acadêmico das últimas três décadas e, principalmente, por ser uma das vozes mais ressonantes nos grupos de pesquisa brasileiros e latino-americanos vinculados aos estudos de ciência, tecnologia e sociedade, como também em vários outros campos. Ademais, ele inverteu o mais conhecido dos enunciados revolucionários de Marx, que serviu de mote para a saraula: “Os cientistas sociais transformaram o mundo de várias maneiras. Mas o que se deve fazer é interpretá-lo” (LATOURE, 2012, p. 69). Diferentemente dos seus colegas europeus que ora alegam ser a modernidade, apesar dos pesares, um projeto inacabado (Jürgen Habermas) ou reflexivo (Ulrich Beck), com ambiguidades passíveis de serem sanadas, ora denunciam que a modernidade, malgrado suas conquistas, precisa ser suplantada em função da barbárie que lhe é constitutiva (frankfurtianos de primeira geração), Latour propõe uma saída inusitada: nunca adentrar a modernidade. Para ele, portanto, não faria sentido algum se definir como ou ser acusado de anti-moderno, pré-moderno ou pós-moderno, uma vez decretado que nunca houve essa tal modernidade.

Provavelmente, Bruno Latour tornou-se figura fácil no ‘universo fechado’ acadêmico, e até mesmo na “esfera pública” mais ampla, por ocasião da publicação do seu polêmico ensaio *Jamais fomos modernos*. Porém, já antes disso, ele, cuja parte mais conhecida do seu trabalho trata de controvérsias científicas, envolvera-se curiosamente na contenda que foi propagandeada sob o slogan de guerra das ciências: “humanistas” e cientistas renomados, tal como o físico estadunidense Steven Weinberg (Nobel, 1979), saíram em campanha difamatória contra os supostos detratores da “razão”, da “objetividade” e da “verdade”; para eles, os sociólogos, historiadores e filósofos que “relativizam” conhecimento validado costumam não saber nada acerca das ciências sobre as quais opinam – o título da obra mais representativa dessa espécie de cruzada científica sugere exatamente essa ideia de falta de embasamento sobre o que se fala, a saber: *Imposturas Intelectuais*, de Alan Sokal, um livro, contraditoriamente, cheio de imposturas intelectuais da parte do próprio autor.<sup>13</sup> Mais

precisamente, é preciso sublinhar que Latour, uma espécie de especialista em especialistas ou cuja expertise é em expertise,<sup>14</sup> passou a ser perseguido pelos guerreiros pretensamente herdeiros da “paz perpétua” iluminista como o inimigo público número 1 da ciência, ao menos desde o aparecimento da sua primeira obra de fôlego – em parceria com Steve Woolgar –, qual seja: *Vida de Laboratório*. Sem desconsiderar toda aquela querela, há uma corrida armamentista muito mais trágica por trás desse episódio específico, o que deveria nos levar a olhar para a tal “guerra das ciências” como apenas mais uma das sangrentas batalhas no interior de uma guerra maior, metafórica e literalmente falando. Abre parêntese: o estopim dessa disputa se deu no período de implementação político-econômica da visão de mundo neoliberal liderada pelo ex-presidente Ronald Reagan e pela ex Primeira-ministra Margaret Thatcher, em que os guerreiros da ciência lutavam por verbas astronômicas para seus respectivos projetos de pesquisa. Eles, os cruzadistas, entenderam que os “pós-modernos” seriam os responsáveis pela perda de autoridade epistêmica da ciência frente à sociedade de um modo geral e aos seus representantes políticos em particular, engendrando, conseqüentemente, o embargo às suas pesquisas. Fecha o parêntese da fase do midiático “Projeto Guerra nas Estrelas” em quase “final” de Guerra Fria. As aspas em “final” decorrem do fato de termos boas razões para acreditar que, em plena era Trump x Putin, a violência travestida segue fazendo seu trottoir – parafraseando o bem-sacado título da canção de Humberto Gessinger que denuncia o poder da ideologia usado pela propaganda & marketing e pela grande mídia –, i.e., parece que a Guerra Fria está mais aquecida do que nunca.

Se nos remontarmos a um panorama histórico mais alargado – indo do idealismo alemão do século XVIII até o alardeado pós-modernismo contemporâneo –, o projeto da modernidade e a ciência moderna vêm sofrendo desde sempre bombardeios diversos devido às suas mistificações, contradições e incoerências. Quicá, o antecedente histórico mais imediato à batalha referida aqui tenha sido o lançamento de um verdadeiro míssil supersônico: por mais que o próprio autor do disparo não seja um defensor da pós-modernidade *tout court*, *A condição pós-moderna*, de Jean-François Lyotard, foi tomado em grande parte como uma espécie de obituário das grandes narrativas legitimadoras e do universalismo europeu. Contra-ataque de estardalhaço menor foi desferido por Terry Eagleton no ponderado livro *As ilusões do pós-modernismo*. Em todo caso, nessa guerra europeia e estadunidense não quero enfiar meu arco e flecha por enquanto, senão alertar para a desconfiança fundamentada de que Latour talvez não possa ajudar na independência e emancipação latino-americanas, para não dizer que ele nos atrapalha. De fato, conquanto aparente ser um crítico da tradição iluminista (na realidade, Latour separa astutamente modernidade e iluminismo), seu veio colonizador,

ou, para lhe fazer mais justiça, sua postura “reformista” mantenedora do *status quo*, ainda pulsa forte nas suas veias cerradas de europeu. Não seriam modernidade e colonização irmãs siamesas – eis uma questão silenciada em seus escritos. Ou será que, em razão de a modernidade ser mera quimera, a colonização também nunca teria existido? Ou, colocado de modo mais realista e perturbador: a colonização e a escravidão só se explicariam justamente em virtude da “constatação” de os próprios europeus também jamais terem sido modernos concretamente? Seria uma “bela”, desprezível, de uma justificativa sub-reptícia...

Assim como, com as devidas exceções que comprovavam a regra acadêmica vigente no contexto dos projetos de colonização, os primeiros antropólogos se embrenhavam no interior de culturas e grupos étnicos “selvagens”/primitivos” com o fito de exaltar a suposta grandeza e superioridade da própria sociedade ocidental – “justificando”, assim, a opressão e dominação para “civilizar” –, podemos inferir de suas próprias declarações que Latour e seus colegas de estudos sociais de ciência adentraram laboratórios científicos com o objetivo de “evidenciar” a presumida riqueza da ‘ciência em ação’ rumo à produção de evidências. Além da novidade de aplicar os métodos etnográficos da antropologia reflexivamente a “nós” mesmos e onde menos se esperava (laboratórios são locais como que sacrossantos, modelos de racionalidade), e não apenas aos “outros” vivendo em aldeias ou, no máximo, em “tribos” urbanas, a única diferença – que faz toda a diferença, diriam – seria que, enquanto os antropólogos (colonialistas?) “explicavam” a supremacia dos modernos recorrendo à suposta divisão entre mundo da cultura e reino natural, comparativamente ao sistema monista dos “índios”, Latour “descobriu” que os modernos jamais existiram na prática, porquanto, a despeito do discurso oficial da grande demarcação de fronteiras entre domínio dos fatos e dos valores, eles também sempre teriam pulado a cerca e misturado política com conhecimento em um mesmo e indivisível arranjo social; mas daí é que, e aí vem o pulo do gato saltimbanco de Latour, teria emanado sua especificidade e sua força. Ao contrário de estar interessado em denunciar a atuação de ‘interesses’, ‘poder’, ‘jogos de força’ etc. na dinâmica científica de modo a ‘desconstruir’ sua aura de autoridade cultural, Latour tentou convencer tanto “leigos” quanto pesquisadores de que a ciência (ou, como ele prefere, tecnociência) só faz o que ela faz, ou só é o que ela é (empreitada quase “divina” em função do seu “sucesso explicativo e preditivo”, bem como da sua “capacidade ímpar” de produzir ‘fatos’ e ‘artefatos’) porque é humana, demasiadamente humana: assim como todos os outros pobres mortais, cientistas têm sangue correndo nas artérias, emoções governando seus corações e ideologias fazendo suas cabeças; eles cometem erros, titubeiam, sentem inveja dos colegas agraciados com premiações ou financiamentos vultosos e assim por diante. Mas, de qualquer forma, ou por

isso mesmo, são capazes de produzir verdades e certezas (tudo bem que provisórias) graças ao pertencimento a uma comunidade ('coletivo de humanos e não humanos'); logo, se não há mais um cogito cartesiano no qual nos apoiarmos, seríamos em compensação mais fortes do que nunca amparando-nos mutuamente em um mesmo 'cogitamos' (LATOUR, 2016). Livres do difamado universalismo abstrato, de quebra ainda garantiríamos, graças às redes que tecem sua teia pela aldeia global afora, um universalismo corporificado: como pode uma "obviedade" feito essa causar tanto espanto, para não dizer indignação, parece perguntar Latour aos guerreiros europeus, sorrateiramente. Pergunto eu franca e abertamente: como nós "subalternos" podemos nos identificar com um projeto contrário aos nossos próprios interesses, na medida em que, se não somos dominados na largada da corrida (universalismo abstrato), somos cooptados na reta de chegada ("universalismo concreto")?

Almejando harmonizar ciência e democracia a partir da reavaliação da ideia de representação (quem pode falar em nome de quem ou do quê), Latour tenta, por um lado, defender-se das invectivas perpetradas pelos guerreiros da ciência e, por outro, atacar as apropriações de suas teses e de seus colegas feitas pela ultra-direita. Negacionistas de vários matizes vêm usando (abusando da) a noção de 'construção social' para tentar invalidar verdades estabelecidas, como acontece, por exemplo, no caso do aquecimento global; de modo oposto, quando lhes convém, valem-se do ideário positivista pró-ciência para tentar estabelecer verdades ainda em disputa (os exemplos na biomedicina se alastram assustadoramente, como no caso de medicamentos cujos testes clínicos ainda não são convincentes, ou, pior ainda, quando estes comprovam ineficácia ou prejuízos à saúde, para não dizer que podem matar, e matam, pessoas). Na minha interpretação do pensamento de Latour, seu projeto ao longo da trajetória acadêmica vem sendo o de mostrar que a produção de verdades na tecnociência é um caminho custoso e tortuoso (cheio de mediações), uma atividade coletiva que, além de demandar tempo, requer recursos humanos e materiais cada vez maiores, e, em virtude disso, é que teríamos boas razões para lhe dar credibilidade quando se atinge consenso ou acordo "entre pares".<sup>15</sup> Com o advento da era de pós-verdade (dito sem circunlóquios, verdadeiro triunfo escancarado da mentira), os guerreiros da ciência devem estar sentindo falta dos estranhos cordeiros vestidos em pele de lobo feito Latour. Seja como for, quem sabe, só mesmo a resignação cristã explique o fato de Latour deixar praticamente intocados dois dos grandes inimigos da "democracia" que ele supostamente quer defender:<sup>16</sup> o Neoliberalismo (primazia dos interesses do "mercado global" face às demais esferas humanas: quanto valem a educação, a saúde, a vida?) e a Big Science (somas vultosas como "padrão-ouro" da construção de "verdades científicas": qual seria o preço que a 'verdade' custa, ou,

principalmente, paga nesse contexto?). Silêncio meditativo de Latour sobre essas questões cruciais...

A “novidade” infensa e inócua, sabido que ela deixa intacta a hegemonia europeia e norte-americana, da teoria ator-rede formulada por Latour consiste em tomar os termos “ciência” e “sociedade” como ‘tópicos’ a serem explicados, ao invés de ‘recursos’ para se explicar sobre o que quer que seja. Isso porque “ciência” e “sociedade” seriam produtos de um processo de construção coletiva, e não entidades previamente dadas (ora, após Newton, alguém ainda acredita, além dos “terraplanistas”, que maçãs caiam do céu?). A rigor, para o autor do best-seller acadêmico *Ciência em Ação*, não existe “Ciência”, mas, sim, ciências local e historicamente situadas; da mesma forma, “Sociedade” seria uma maneira inapropriada de designar as ‘associações’ que seriam alcançadas após um longo processo de reagregação do social ou composição de um mundo comum frente a grandes controvérsias ou fontes de incerteza: identidade dos atores; natureza das ações; agência dos objetos; relação entre fatos e valores; e por aí vai. Pergunto: que diferença isso faz? Afirmar que não encontramos a ciência e a sociedade como coisas já prontas e acabadas – ambas seriam resultado de um processo social, o que é praticamente um truísmo no caso da segunda – só seria atrativo dependendo dos agentes que contassem nessa construção. Todavia, aí é que entra o conservadorismo latouriano mais explicitamente em cena: sua proposta de um parlamento das coisas, na esperança mítica de Pandora de se alcançar uma espécie de neo-modernidade, atribui agência às coisas em geral, ao preço de retirar capacidade de ação das pessoas, ao menos daquelas que deveriam importar mais. Com efeito, na composição proposta por Latour desse “novo” parlamento estariam políticos, cientistas, economistas moralistas, para falar em nome das coisas (LATOURE, 2004b). Outra pergunta que não quer calar: onde entrariam os movimentos sociais, o movimento operário e os cidadãos comuns? Os “índios” não podem falar em nome da floresta amazônica? Pode uma proposta reformista de cima para baixo, mantendo uma democracia representativa elitista regada a malabarismos inovacionistas, contribuir com as transformações mais profundas que as drásticas desigualdades da latino-américa exigem? Não estaríamos, no fundo, diante de um colonialismo por outros meios? E tão desconfortante e preocupante quanto: a pretensa complexificação da vida coletiva desenhada por Latour, que, ao mesmo tempo em que silencia e invisibiliza pessoas e grupos significativos, quer fazer o holofote incidir sobre uma miríade de “atores não-humanos” coadjuvantes, parece deixar a seguinte mensagem subliminar para seus leitores: “Não precisa, ou não adianta, fazer nada: tudo vai mudar sempre, porém continuar sendo meras “associações”, independentemente de você”.

Do exposto, conquanto Latour seja um “militante” de importantes bandeiras gravitando em torno da boa e velha ideia de Gaia – inegavelmente, moldada em consonância com ideais libertários dos povos latino-americanos –, vejo seus posicionamentos políticos mais como barreiras do que como catapultas para nossas lutas. Sem contar a idealização ou romantização, para não dizer ideologização, que ele faz da história do Brasil: Latour já declarou que admira os brasileiros por sua tão propalada miscigenação, um exemplo emblemático, segundo ele, de que aqui temos a “vantagem” clara da não-modernidade, dado que sempre teríamos nos misturado e teríamos sido sincréticos (LATOURE, 2009); sentença essa que só contribui para a manutenção do nefasto mito da “democracia racial”. Como Lélia Gonzalez (2018, p. 375), dentre outras e outros autores críticos do pensamento social brasileiro de inspiração freyreana ou buarqueana, adverte-nos: “No nosso caso isso não acontece [diferentemente do discurso “identitário” norte-americano], o que se reforça é a mestiçagem, a integração, a democracia racial. Como se dá, como se deu esta mestiçagem? Se deu pela violentação da mulher negra. Na época da escravatura... Conta-se, por exemplo, que D. Pedro II ‘adorava uma pretinha de uns doze a treze anos’”. Por último, mas não menos importante, a aposta alta que Latour tem feito nas instituições como “critérios de verdade” em tempos de incertezas nos ajuda muito pouco; ou melhor, no momento de retorno do fascismo em que vivemos, ela nos atrapalha bastante: precisamos voltar a ser “autonomistas” e retornar às bases, ao invés de sermos “institucionalistas”. Isso não quer dizer que não seja possível lutar cotidianamente no interior das instituições por intermédio daquilo que poderíamos chamar de poder da microfísica, lembrando e subvertendo Foucault. Em uma única expressão: por mais que seja meio que um profeta renegado em sua própria terra, Latour produz vinho velho em odre novo (ou o contrário, já que vinho “velho” é que é bom); nesse sentido, ele contribui para a manutenção do *status quo* de injustiça e desigualdade, embora tenha boas intenções de mudança.

Na sequência da proposição supracitada, eu transcrevi, na saraula, uma outra variação da tese de Marx: “Se os filósofos marxistas até agora falharam em mudar o mundo, não é porque sua posição política estava errada, mas, na realidade, porque ela estava inserida dentro da tradição metafísica” (VATTIMO; ZABALA, 2011, p. 1; tradução minha). Conhecido por tentar erigir uma ponte entre a velha tradição de niilismo europeu (de Nietzsche a Heidegger) e a cultura pós-moderna, a ambas às quais ele se sente irmanado por conta de se afastarem da ilusão metafísica tradicional de saltar por cima da história, Gianni Vattimo busca, através do seu *Hermeneutic communism* em parceria com o jovem filósofo europeu Santiago Zabala, derrubar o muro que separa a província hermenêutica do marxismo cosmopolita, tendo em

vista unir forças para pensar alternativas acerca dos desafios políticos do mundo contemporâneo. Após discorrerem sobre a ‘violência da verdade’ praticada pelo ocidente ao longo dos séculos em termos políticos por causa de uma metafísica e epistemologia infladas, base de um pretense acesso privilegiado ao real, os autores, ao defenderem o comunismo hermenêutico como uma saída para nossos dilemas graças à sua dieta *light*, inspiram-se nos governos de esquerda latino-americanos das duas últimas décadas como paradigmas de um socialismo para o futuro, justamente por eles terem abandonado projetos emancipatórios mais radicais. Em que pese toda a relevância desse livro em particular e da obra do Vattimo em geral, seu “comunismo fraco” ou leve é o melhor exemplo da pior estratégia a ser adotada em termos de luta política atual; afinal, na minha interpretação, a “única saída” para a esquerda está em voltar a preencher corações e mentes com ‘sonhos diurnos’ inflamados e incendiários, e não deflacionados. Nesse sentido, apesar de não ser um defensor indireto do *status quo*, Vattimo é uma espécie de rebelde com causa (certa) porém de atitude errada.<sup>17</sup> Proponho, na sequência, um prato mais proteico à base de nossas próprias raízes. Já chega de miúdos metafísicos europeus e, principalmente, enlatados pragmáticos americanos.

### 3 Sugestão do Anti-Chef: raízes amefricanas e ameríndias

Suplicamos expressamente:  
 não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,  
 pois em tempo de desordem sangrenta,  
 de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,  
 de humanidade desumanizada,  
 nada deve parecer natural,  
 nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht

Quando o sol bater  
 Na janela do teu quarto  
 Lembra e vê  
 Que o caminho é um só  
 Até bem pouco tempo atrás  
 Poderíamos mudar o mundo  
 Quem roubou nossa coragem?

Renato Russo

A causa nacional latino-americana é,  
 antes de tudo, uma causa social:  
 para que a América Latina possa nascer de novo,  
 será preciso derrubar seus donos, país por país.  
 Abrem-se tempos de rebelião e de mudança.

Eduardo Galeano

Realizavan la labor  
 De desunir nossas mãos  
 E fazer com que os irmãos  
 Se mirassem com temor

Pablo Milanes e Chico Buarque

Os quatro fragmentos agrupados acima, utilizados em momentos diferentes durante a saraula, correspondem bem aos dois ingredientes principais que compõem esse prato em substituição ao de miúdos metafísicos oferecido antes, a saber: 1- aposta na transformação social; 2- esperança na unidade da América-Latina. A parte final do poema ‘Nada é impossível de mudar’, de Bertolt Brecht, e a estrofe precedida do refrão da letra ‘Quando o

sol bater na janela do teu quarto’, de Renato Russo, tocam ambas na questão da possibilidade de mudar o mundo por meio da ação humana coletiva; sendo que, enquanto o dramaturgo e escritor alemão faz uma exortação aos ‘camaradas’ para que eles jamais caiam na cantilena do sistema segundo a qual “as coisas são assim mesmo”, cujo objetivo consiste em gerar conformismo e resignação forjados pela naturalização de fatos e feitos social e historicamente construídos – geralmente de modo violento e opressor –, o maior letrista do ‘BRock’, por traz da aparente balada de reverência budista, lamenta, com a irreverência de ‘força sempre’, o fato de a ‘geração Coca-Cola’ não cultivar mais, dado que alguém havia roubado nossa coragem nos idos de 1980 (década perdida?), uma utopia pela qual pudéssemos lutar.<sup>18</sup> Por sua vez, o saudoso escritor uruguaio Eduardo Galeano – em seu sanguíneo clássico *As veias abertas da América Latina* – vislumbrava uma nova era política para *nuestros hermanos* verdadeiramente independente e livre da espoliação colonizadora; da mesma forma que Chico Buarque, em exemplar parceria com o músico cubano Pablo Milanes, denunciava a estratégia imperialista de nos dividir para nos dominarem mais facilmente, ao mesmo tempo em que anunciava um novo tempo histórico feliz graças à união dos nossos povos, tal como o título da tocante música já aponta: ‘Cancion por la unidad de Latino América’. Vale lembrar: canção essa registrada, a-temporalmente, na obra-prima ‘Clube da Esquina No. 2’, de Milton Nascimento.

Tentando evitar o risco de reproduzir à revelia aquilo que a Europa teria de pior – seu frequente rechaço à alteridade, além do apetite por destruição ou dominação do outro –, seguimos mantendo diálogo com autoras e autores europeus com os quais possamos ter uma interação edificante. As tradições vindas do Velho Continente às quais dei destaque na saraula foram a hermenêutica e o materialismo dialético – mais vivas, pujantes e plurais do que nunca, após seus respectivos “términos” já terem sido decretados várias vezes ao longo do tempo. Atinente ao marxismo, como deve estar mais patente desde o começo do texto, minha aproximação de familiaridade e afinidade com essa corrente libertária é decorrente do seu compromisso transformador, que, aliás, foi brilhantemente condensado na décima primeira tese sobre Feuerbach com a qual abri a saraula: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, 2007, p. 535). No caso da hermenêutica, por razões similares a Vattimo, julgo que é necessário que se tente ver nessa vertente além do que aparece como “conservador” em seu valor de face; isso porque, no mínimo, não se pode olvidar o fato de que ela teve a coragem de cultivar o mito de Hermes em plena era de “desmitologização”, período histórico que Gadamer nomeou de ‘época da ciência’. A propósito, a hermenêutica sempre atuou como uma espécie de relicário onde se

salvaguardara práticas e saberes humanísticos, especialmente em épocas anteriores ao uso da bomba atômica quando se nutria mais ingenuamente, ou conveniente e cinicamente, a ilusão cientificista no “progresso infinito” urdido pela tecnologia. Mais não só: por mais que ela não tenha sido a única a fazê-lo, a hermenêutica exerceu uma função determinante em desvelar o papel condicionante da cultura e da história nas diversas visões de mundo. Nenhuma cultura em particular possuiria um acesso privilegiado ao mundo, pois estaríamos sempre enredados em nosso próprio mundo cultural, o que não impede que, com o auxílio luxuoso da interpretação e da compreensão (i.e., justamente a capacidade hermenêutica de nos familiarizar com aquilo que nos aparece como estranho à primeira vista, fazendo de um círculo vicioso ensimesmado um círculo virtuoso de abertura), possamos – e devemos – fundir horizontes culturais diferentes. Daí a contribuição ponderada de Martin Heidegger, como sendo a última variação que cito aqui, à tese de Marx que acabamos de transcrever: “Entretanto, a transformação do mundo assim visada [por Marx, na décima primeira tese] exige, antes, que o pensamento se transforme, assim como já se oculta uma modificação do pensamento atrás da aludida exigência” (HEIDEGGER, 1991, p. 184).

Não obstante, não bastasse toda a polêmica acerca do seu possível envolvimento com o nazismo, creio que possamos ganhar mais, do ponto de vista tanto ético quanto político, a partir da fusão de horizontes com filósofos hermenêuticos de estirpe, por assim dizer, mais generosa, tais como Gadamer e Lévinas – malgrado, em função da originalidade de sua retomada da questão do ser, ser Heidegger um dos pensadores europeus mais influentes do século XX/XXI e inclusive mestre de ambos. Por mais que tenha sido decisivo no movimento de superação da ideia de hermenêutica como mero método – seja técnica interpretativa ou filologia/exegese de textos antigos à la Schleiermacher, seja modelo interpretativo da história e da cultura, em contraposição ao suposto modelo explicativo das ciências naturais, à la Dilthey –, ao propor sua universalização e renovação profunda (livrando-nos da epistemologia do ‘como sabemos’ em direção à ontologia do nosso ‘modo de ser no mundo’), Heidegger radicalizou o logocentrismo europeu, ao invés de ‘destruí-lo’, na medida em que *pensa o pensar* voltado primordialmente para o ser (que seja), e não para o outro. Com efeito, mesmo que o “genuíno pensar” seja pautado pela ‘angústia’ como condição de acesso ao ‘ser’, e não pela “lógica” como meio de descoberta relativa aos ‘entes’, ainda se trata, precipuamente, de uma relação de conhecimento sobre o mundo (mesmo que cultural), em vez de interação ética e política com outras pessoas, fenômenos de ordem social considerados derivativos por ele.<sup>19</sup> É por isso que dei prioridade a Lévinas, pois, em lugar de tomar a ‘ontologia fundamental’ heideggeriana como, com licença para a aparente redundância, o mais fundamental, ele

defende o primado da ética e do encontro respeitoso e responsável com a alteridade que possui um rosto (LÉVINAS, 2010), o que pode ser prestimoso para o tempo em que vivemos.<sup>20</sup> Por esse motivo, outrossim, eu citei na saraula a passagem em que Lévinas, no auge dos acontecimentos do Maio de 68, contemplou, de modo sensível e arguto, a outra face da juventude que lutava por um mundo melhor e que se compadecia da vulnerabilidade dos operários e oprimidos em geral: “A vaga noção de autenticidade – da qual se abusa – tomou aqui [Maio de 68] um sentido preciso. A juventude é autenticidade” (LÉVINAS, 2012, p. 108); daí, para ele, eles, os jovens daquela geração generosa e idealista, serem a melhor expressão do ‘humanismo do outro homem’. 50 anos depois, essa declaração de Lévinas ganhou, para mim, um significado muito concreto e especial durante a Primavera Secundarista São Paulo adentro e Brasil afora...

Ainda que possamos herdar o melhor das duas tradições supracitadas, quis, todavia, dar na saraula ênfase ao pensamento social cultivado em nosso próprio solo latino-americano, notadamente aos chamados estudos pós-coloniais ou decoloniais e às intelectuais negras, assegurando o ‘lugar de fala’ de pensadoras como Djamilia Ribeiro (2017).<sup>21</sup> Walter Benjamin (2013, p. 13), nesse sentido, funcionou como uma ponte ligando o lado bom, belo e verdadeiro da velha Europa com as lutas emancipatórias do chamado “novo mundo”: “A tradição dos oprimidos ensina-nos que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é a regra. Temos de chegar a um conceito de história que corresponda a essa ideia”; tanto assim que, mais à frente naquela ocasião, citei a contundente enunciação de Conceição Evaristo, apontando também a necessidade de narrativas a contrapelo: “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da Casa-Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. Especificamente as teses sobre o conceito de história benjaminianas nos ajudam a contar e narrar os acontecimentos do ponto de vista dos vencidos e dos oprimidos, assim como nos alertam para os escombros de barbárie soterrados embaixo dos castelos de areia da “civilização”. Por essa razão, Benjamin aparece como uma das fontes de inspiração na obra de cuja passagem foi mais entusiasticamente citada por mim na saraula: “Construir nuestra propia ciencia – en un diálogo entre nosotros mismos – dialogar con las ciencias de los países vecinos, afirmar nuestros lazos con las corrientes teóricas de Asia y África, y enfrentar los proyectos hegemónicos del norte con la renovada fuerza de nuestras convicciones ancestrales” (CUSICANQUI, 2010, p. 73). Sem negar a influência da trindade Aníbal Quijano-Enrique Dussel-Walter Mignolo na busca pela descolonização epistemológica e política da América dita latina (não seria ela melhor designada por continente ameríndio e amefricano?), creio eu

que Silvia Cusicanqui dá um passo decisivo na caminhada rumo à nossa emancipação, ou daquilo que chamei na saraula de ‘Descolonização da PAS (Pensar, Agir e Ser)’.

Tecendo comentários críticos aos próprios estudos pós-coloniais, bem como à trindade mencionada, que, na sua avaliação, apenas ‘regurgitam’, a partir dos centros norte-americanos imperialistas em que se instalaram, a matéria-prima produzida em solo acadêmico dos países latino-americanos, Silvia Cusicanqui desnuda a agenda política subjacente à retórica acerca do multiculturalismo, adotada até mesmo por parte da esquerda acadêmica. Nas suas palavras, não pode existir teoria descolonizadora sem prática descolonizadora, i.e., não é suficiente adotar o discurso do reconhecimento, se este vier acompanhado de uma política de dominação. Por traz do falatório bonito e, às vezes, até bem-intencionado de diversidade cultural costumam estar camuflados interesses escusos neoliberais de manterem os “índios” fora das grandes decisões políticas, o que acaba sendo uma nova forma de colonização. Empregar expressões aparentemente apropriadas como “povos originários” termina, no caso em questão, por ser uma estratégia de dominação por outros meios, no sentido de se querer, através de uma visão “idílica”, estereotipar e essencializar os indígenas de modo a mantê-los excluídos da possibilidade de construir um novo projeto hegemônico de modernidade, uma ‘modernidade indígena’, posto que, ao contrário do que a retórica neoliberal multiculturalista “em prol das minorias” tenta fazer crer, “índios” são maioria ao menos no caso da Bolívia. Ecoando (referenciando) Walter Benjamin e Ernst Bloch, Cusicanqui, na condição de origem dupla (aimará e europeia) defende uma concepção cíclica e espiral de história como base para um ‘projeto de modernidade mais orgânica’, em que a noção aimará de *ch’ixi* – “A potência do indiferenciado é que conjuga os opostos” – seja um substituto para a infeliz expressão de hibridismo tão em moda. Visando à superação tanto do multiculturalismo quanto do ‘logocentrismo machista’ presente mesmo em projetos indígenas pretensamente libertários, a autora propõe a prática feminina da genuína interculturalidade como pedra-angular da construção da modernidade orgânica. Foi, por isso, que irmanei as duas Silvias na saraula, trazendo lado a lado com a de Cusicanqui a contribuição da feminista italiana Silvia Federici (europeia que também está academicamente engajada às lutas por libertação dos países periféricos), presente no seu belíssimo e aguerrido *Calibã e a Bruxa*; até porque, nesse caso, ela se refere diretamente às opressões sofridas pelas mulheres do nosso continente durante o período colonial sob a “desculpa” de que elas eram “bruxas”: “Assim como na Europa, a caça as bruxas na América foi, sobretudo, um meio de desumanização e, como tal, uma forma paradigmática de repressão que servia para justificar a escravidão e o genocídio” (FEDERICI, 2017, p. 382).

#### 4 Sob Dieta de Sobremesa, um Café Anticolonial/Descolonial

|   |   |
|---|---|
| Mas é preciso ter força                 | Guerreiro é no lombo do meu cavalo                |
| É preciso ter raça                      | Bala vem mas eu não caio, armadura é a proteção   |
| É preciso ter gana sempre               | Avanço sob a noite iluminado, luto sem pestanejar |
| Quem traz no corpo a marca              | Derrubo sem me esforçar, a guarnição              |
| Maria, Maria, mistura a dor e a alegria | Juçara Marçal e Kiko Dinucci                      |
| Milton Nascimento e Fernando Brant      |   |

De 2013 para cá, houve aquilo que venho chamando de ‘colapso do concilialismo’: o Brasil mostrou sua cara e ela não é nada bonita, pois, no espelho de Alice, aparecem as marcas indeléveis de um país visceralmente violento, especialmente contra as mulheres negras. Em função disso, ‘Maria, Maria’ (para mim, após exato um ano no momento em que acabo de escrever esse trecho do texto, passou a ser ‘Mariele, Mariele’), foi a última canção da minha saraula na UESC, juntamente com um verdadeiro hino de luta e resistência dos nossos dias, a começar pelo título ‘São Jorge’: lembrei das mulheres negras da minha família, especialmente daquelas que migraram do Recôncavo Baiano para se tornarem mulheres subalternas no Rio de Janeiro. Minha mãe, por exemplo, foi empregada doméstica a vida inteira e morreu trabalhando muito antes de seus direitos trabalhistas terem sido conquistados, em 1986. Lembrei também de todas as mulheres pretas e pobres que sofrem as maiores violências nessa sociedade que ainda se arroga o epíteto de “pacífica e hospitaleira”. Se o feminismo for mesmo para todo mundo (bell hooks, 2018), ou, pelo menos, para os 99% da população oprimida pelo 1% dos donos do poder do capital financeiro (tal como sugere o novo manifesto feminista assinado por Cinzia Arruza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser), quero passar a viver por essa causa daqui por diante. Ou melhor, quero morrer lutando pelas várias frentes de bom combate da nossa era rumo à superação do “Esclarecimento Europeu” em nome do advento do ‘Enegrhecimento Universal’: lutas anti-racista, indígena, feminista, LGBTQI, trabalhista, ecológica... O que é mais fácil na teoria do que na prática...

Já que optei por não reutilizar as imagens usadas na saraula, como substituição ao quadro ‘Colheita de Cacau’ (1954) de Cândido Portinari com o qual encerrei minha apresentação, fecho (ou abro para novas reflexões) esse texto com o final de uma das muitas belas, inspiradas e inteligentes canções de uma das minhas bandas prediletas da nova geração, a saber, ‘Café’, do CD ‘Memórias do Fogo’, do ‘El Efecto’ (só comecei a ouvir mais recentemente, mas já deu para perceber que está à altura do já ‘clássico’ ‘Pedras e Sonhos’). Nas duas obras, a de artes plásticas e a música, o que está em jogo é a experiência trágica de

subalternidade vivenciada por praticamente todos os países da nossa América Latina, que foi descrita irrepreensivelmente por Eduardo Galeano: um bem natural qualquer (seja cacau, seja café, seja ouro) como causa do nosso mal social (seja escravidão, seja colonização, seja dependência). Na íntegra da letra, conta-se a história do Brasil Colônia de ontem e de hoje, lançando mão de um fato prosaico genial: um casal feliz em um Café de Paris (poderia ser também uma loja carioca qualquer da multinacional norte-americana Starbucks, com toda sua prática de “benevolência” filantrópica), completamente alheios à origem violenta de um “simples” produto que aplaca o seu “inocente” desejo. É preciso, como vem alertando Sueli Carneiro, reconhecer a situação de privilégio e, ao mesmo tempo, recusar ser signatário do racismo (sexismo). Termina, então, com o final da letra de ‘Café’:

O brilho da bandeja rumo à mesa do casal  
Um gole, um gosto amargo impossível de engolir  
Um gesto de repulsa faz a xícara cair  
E a fina porcelana se espraça contra o chão  
Um rasgo de navalha no veludo da ilusão  
E a poça sobre o mármore harmoniza um novo tom Colônia...  
Se espalha pelo chão, o espelho da vergonha  
E a mancha no salão por fim completa a cena  
Do líquido no chão, revela-se um poema  
A flor do bem-estar se rega com o suor da escravidão!

## Dedicatória

Às minhas orientandas e orientandos de hoje (André Luiz da Silva, Beatriz da Silva, Cassiana Rodrigues, Flávia Souza, Gabriela Barreto, Mariana Xavier, Roberta da Costa e Thamires Medeiros), de ontem (Fátima Rodrigues, Gérson da Costa, Isabel Prado, Leandro Gonçalves, Leandro Alberto dos Santos e Pedro Henrique Cavalcante) e de ‘amanhã (vai ser outro dia)’, dedico meu primeiro ensaio, graças ao aprendizado com eles e elas, 100% anticolonial/descolonial. E à Catalina Kiss, Alessandra Aniceto, Luciane Stochero, bem como ao meu pós-doutorando Vinícius Carvalho, que, apesar de não terem sido orientadas por mim, estão integralmente irmanadas ao *espírito libertário* que move as lutas descolonizadoras.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. Trad. Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história, in Walter Benjamin: *O anjo da história*. Organização e tradução: João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- CAHEN, Michel; BRAGA, Ruy (Orgs.). *Para além do pós(-)colonial*. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.

- COLLINS, Harry; Evans, Robert. *Repensando a expertise*. Tradução: Igor Antônio Lourenço da Silva. 1. ed. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- DAPIEVE, Arthur. *Miúdos metafísicos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- DAPIEVE, Arthur. *BRock: o rock brasileiro dos anos 80*. 4. ed. São Paulo: 34, 2015.
- Eagleton, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Tradução: Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FRAGOZO, Fernando. *A tecnologia e seus possíveis: é possível pensa-los?* 1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução: Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzales em primeira pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.
- HEIDEGGER, Martin. A tese de Kant sobre o ser, in Martin Heidegger. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução e notas: Ernildo Stein. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores; 5).
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução: Ana Luiza Libânio. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Tradução: Carlos Henrique Pissardo. 1ª ed. São Paulo: Unesp, 2015.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Tradução: Ivone Benedetti. São Paulo: UNESP, 2000.
- LATOUR, Bruno. “Não congelarás a imagem” ou: como não desentender o debate ciência-religião. *Mana*, 10 (2): 349-376, 2004a.
- LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Tradução: Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru: EdUSC, 2004b.
- LATOUR, Bruno. Entrevista. *Cult*, 132, 2009.
- LATOUR, Bruno. Coming out as a philosopher. *Social Studies of Science*, 40 (4): 599-608, 2010.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.
- LATOUR, Bruno. *Cogitamos: seis cartas sobre as humanidades científicas*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: 34, 2016.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Tradução: Pergentino Pivatto... [et al.]. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Tradução: Pergentino Pivatto [et al.]. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução: Ricardo Côrrea Barbosa. 7ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MARX, Karl. 1. *Ad Feuerbach*, in Karl Marx e Friedrich Engels. *A ideologia alemã*. Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MENDONÇA, André Luis. Filosofia da ciência e *science studies*: a guerra pela paz, in: Antonio Augusto Videira. *Perspectivas contemporâneas em filosofia da ciência*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MENDONÇA, André Luis. O ensaio como (re)forma, in: Roseni Pinheiro, Tatiana Engel e Felipe Asensi (Orgs.). *Vulnerabilidades e resistências na integralidade do cuidado: pluralidades multicêntricas de ações, pensamentos e a (re)forma do Conhecimento*. Rio de Janeiro: CEPESC/IMS/UERJ, ABRASCO, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

VATTIMO, Gianni. Weak communism? In: Costas Douzinas & Slavoy Zizek (Eds). *The ideia of communism*. London/New York: Verso, 2010.

VATTIMO, Gianni; Zabala, Santiago. *Hermeneutic Communism: From Heidegger to Marx*. New York: Columbia University Press, 2011.

VIANA, Márcia Regina *et al.* A racionalidade nutricional e sua influência na medicalização da comida no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(2):447-456, 2017.

ZIZEK, Slavoj. *Em defesa das causas perdidas*. Tradução: Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

---

## Notas

<sup>1</sup> A saraula ocorreu na XVII Semana de Filosofia da UESC – História, hermenêutica e imagens de ciência. Aqui, como faço uma ‘transcrição’ de memória, estou cômico da lacuna entre a fala e a escrita decorrente da “racionalização” retrospectiva. Aproveito a ocasião para agradecer a acolhida dos docentes e discentes da UESC, especialmente aos professores Rogério Tolfo, Roberto Sávio e Josué Cândido da Silva pelo convite gentil; ao professor José Roberto da Silva pelo encorajamento generoso para eu continuar dando saraulas, bem como agradeço por ele ter nos brindado como uma verdadeira Aula Magna sobre Heidegger e os descaminhos da técnica; aos meus colegas e amigos Antonio Augusto Videira e Fernando Fragozo pelo encontro aprazível fora das atribuições do Rio de Janeiro; ao estudante Fabrício (Comunicação), por ter gentil e carinhosamente me corrigido devido ao imperdoável equívoco de ter exibido um quadro como se fizesse referência à “Batalha dos Nadadores” (história dos vencedores), enquanto se trata, na verdade, do ‘Massacre dos Tupiniquins’ (ponto de vista dos oprimidos).

<sup>2</sup> Em *O ensaio como (re)forma* (2017), parafraseando *O ensaio como forma*, de Theodor Adorno, eu procuro repensar o ensaio como a forma mais apropriada de escrita acadêmica para expressar o pensamento genuinamente crítico.

<sup>3</sup> Infelizmente, como praticamente todas as esferas da cultura estão suscetíveis à ‘espetacularização’ da vida, a gastronomia, tal como a abundância de “reality shows” demonstra, não fica imune a esse fenômeno; assim como a racionalidade nutricional também se tornou refém da medicalização da vida (consultar Viana et al., 2017).

<sup>4</sup> Conferir Horkheimer (2015), especialmente capítulo III.

<sup>5</sup> Três anos após o rompimento da Barragem de Mariana, acontece agora o mesmo em Brumadinho, com fortes indícios de que podem ocorrer outros casos. Episódios como esses não podem ser vistos como “acidentes”, e nem mesmo como “tragédias”, mas, sim, como crimes ambientais carecendo de punição exemplar para os responsáveis.

<sup>6</sup> Lembro-me de ter recomendado, com entusiasmo, o poético documentário ‘Cora Coralina: Todas as vidas’ (2017) e o arrebator musical ‘Elza’, caso o espetáculo venha a ser apresentado em Ilhéus.

---

7 Meu entusiasmo com o samba-enredo da Mangueira de 2019 é simetricamente proporcional ao meu desencanto com a mercantilização dos desfiles cariocas. Oxalá não aconteça o mesmo com o recrudescimento do carnaval de rua do Rio, especialmente com os blocos.

8 Emprego a expressão “milagre” porque o êxito da ‘nova razão do mundo’ (ditames neoliberais hegemônicos) não dá para ser explicado via racionalidade, pura e simplesmente. Como pode haver, afinal, uma aprovação maciça a uma lógica ilógica que beneficia aproximadamente apenas 1% da população mundial senão recorrendo-se a fatores quase “místicos”?

9 A explosão de “dietas” à base de “detox”, prescritas supostamente por experts em nutrição mesmo sem existir “comprovação” de seus benefícios, só me faz pensar que nós deveríamos nos “desintoxicar” dos próprios “detox”, sintoma paradoxal do quão comemos mal na “nova era vegana”.

10 Como rir é o melhor remédio, sugiro uma consulta ao sítio ‘Desciclopedia’ e à sua hilária definição de “cozinha contemporânea” com grande fundo de verdade, com todo respeito àquelas e àqueles que se dedicam a bela arte da gastronomia: “A cozinha contemporânea destaca-se da clássica pela variedade de ingredientes e nomes bizarros para coisas já conhecidas preparadas em porções minúsculas” ([https://desciclopedia.org/wiki/Cozinha\\_contempor%C3%A2nea](https://desciclopedia.org/wiki/Cozinha_contempor%C3%A2nea)).

11 Foi Beatriz da Silva quem me deu a dica do trabalho da Luedji Luna. E, no curso que ministrei um dia após a saraula, alguns estudantes, de cujos nomes eu não me lembro, deram-me várias dicas de novas cantoras baianas; de lá para cá, não parei mais de ouvir Xênia França.

12 Essa expressão foi livremente inspirada em Bauman (2017), parece que seu último livro publicado em vida.

13 Como já usei meu arco e flecha nessa batalha, sugiro aqui o ensaio ‘Filosofia da ciência e *science studies*: a guerra pela paz’ (2012).

14 Mais abertamente do que Latour, quem se apresenta como cientista que estuda cientistas, ou um expert em experts é Harry Collins (*e.g.*: COLLINS & EVANS, 2010).

15 Como acabei de fazer uma redução do projeto acadêmico de Latour aos estudos sobre ciência, vale a pena conferir uma espécie de autobiografia intelectual resumida feita por ele mesmo (LATOUR, 2010).

16 Se faço alusão à questão religiosa é porque o próprio Latour (2004a), em ensaio sobre as relações entre ciência e religião, revela ser católico praticante.

17 Sobre o ‘comunismo fraco’, conferir Vattimo (2010).

18 Aproveito para dizer que Arthur Dapieve, autor da expressão ‘BRock’ que dá título ao seu livro sobre o rock brasileiro dos anos 1980, também é minha fonte de inspiração no uso da feliz expressão ‘miúdos metafísicos’, que, por seu turno, é título de uma coletânea de crônicas relativas à indústria cultural, especificamente da música. Eu diria que Dapieve chama seus próprios textos na grande imprensa de ‘miúdos metafísicos’ porque ele, por mais que em geral aborde temáticas do mundo “pop”, não abre mão de fundamentar, teoricamente, suas opiniões. Aliás, nosso grande botafoguense faz isso com a maestria de um Didi ‘Folha seca’: suas folhas enxutas são encharcadas de cultura.

19 Refletindo sobre técnica em diálogo com Heidegger, e com vários outros autores, Fragozo (2004) desvela o logocentrismo do autor de ‘Ser e tempo’.

20 Não se pode esquecer que, na ‘analítica existencial’ que serve de preparação para sua ‘ontologia fundamental’, Heidegger acaba tocando em várias questões, por que não dizer?, mais “ônticas” e “mundanas”. E, na verdade, talvez tenha sido esse seu grande legado, malgrado suas intenções.

21 Michel Cahen & Ruy Braga (2018) assinam um prefácio que funciona como um balanço crítico dos estudos pós-coloniais ou póscoloniais – bem como dos usos e abusos das várias designações em disputa –, que vai dos estudos subalternos à “guinada decolonial”.